

Aspectos relevantes sobre memória e identidade no conto “O buraco”, de Luiz Vilela

Prof. Ms. Yvonélio Nery Ferreira*

Resumo: Este artigo buscou abarcar alguns aspectos observados por diversos estudiosos das áreas de Memória e Identidade, como Le Goff – teórico da história e memória –; Poulet e Pimentel Pinto – estudiosos da memória na literatura de Proust e Borges –, Stuart Hall e Bauman – críticos dos estudos culturais e de identidade –; dentre outros. Para tanto, os posicionamentos desses estudiosos foram primordiais para o amadurecimento de idéias e questionamentos acerca de tais temas na obra do escritor Luiz Vilela, de forma mais específica no conto “O buraco”, da obra *Tremor de terra*. Os tópicos mais relevantes foram os apontados sobre identidade e pós-modernidade, não deixando de lado a teoria sobre memória, pois é esta que leva ao entendimento e, também, construção da identidade.

Palavras-chave: memória, identidade, pós-modernidade.

Sabe-se que o homem vem passando por um intenso processo de despersonalização, de fragmentação e de inquietude diante de um mundo chamado pós-moderno. Mas o que levou a esta inquietude, como se observa a identidade desse homem na contemporaneidade?

Para passar tais questionamentos far-se-á necessário observar certos aspectos relevantes, como a história da leitura e do livro; problematizar o termo memória, presente em várias áreas do conhecimento, para se chegar aos aspectos culturais e identitários. 1

Uma das formas de se observar a memória, seja de um povo, de um indivíduo, ou de outras instâncias, é o livro, mas este, desde seu surgimento até hoje, tem passado por inúmeras formas de anulação. É pensando nisso que se faz uma pergunta crucial: “por que o homem destrói tantos livros?”.

Este foi um questionamento feito a Fernando Báez – pesquisador sobre a história dos livros – por um jovem iraquiano estudante de história, ao observar que após a invasão americana suas bibliotecas e museus estavam sendo queimados e saqueados. Tal pergunta compõe a parte introdutória do livro de Báez *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*, que abordará, inicialmente, alguns elementos pertinentes à história da destruição dos livros.

A destruição de livros passa por elementos mitológicos característicos em todas as civilizações, como algo ligado ao processo mítico do eterno retorno, uma vez que em diversas dessas civilizações a origem e o fim relacionam-se ao mito da destruição, já incorporado à essência dos deuses, que ao mesmo tempo deveriam ser criadores e devastadores.

Praticar uma atitude relacionada aos deuses é uma forma de o humano religar o sagrado e o atual, pois assim, passado, presente e futuro se articulam numa cronologia transparente e imediata. Segundo Báez (2006, p. 23), “ao destruir, o homem reivindica o ritual de permanência, purificação e consagração... em busca de restituir o arquétipo de equilíbrio, poder ou transcendência”.

Deve-se considerar que ao destruir um livro, destrói-se a memória e a racionalidade que ele representa, uma vez que este dá consistência à memória humana, fazendo com que o indivíduo assuma um sentimento de afirmação e pertencimento, podendo sustentar ou estimular a consciência de identidade dos povos em seu território.

Nota-se que o fogo tem sido o fator predominante na destruição de livros, uma vez que este artefato foi o artifício fundamental no desenvolvimento das civilizações e o primeiro elemento determinante na vida do homem, por motivos de alimentação e segurança. “Ao destruir com o fogo, o homem brinca de ser Deus, dono do fogo, da vida e da morte” (BÁEZ, 2006, p. 26).

A destruição de livros não é privilégio de povos menos evoluídos, mas algo presente, também, nos povos mais cultos. Vários foram aqueles que tentaram tal feito: René Descartes, David Hume, o movimento futurista, dentre tantos outros, uma vez que queimar o passado é remover o presente.

Além da destruição do livro, observa-se a negação da leitura em diversas épocas da história da humanidade, seja por senhores de escravos, durante a colonização americana, seja por ditadores, como, por exemplo, no regime nazista na Alemanha, como um processo de tolhimento da memória e da consciência da identidade. Segundo Alberto Manguel (1997, p.315) “Como séculos de ditadores souberam, uma multidão analfabeta é mais fácil de dominar; uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor

recurso é limitar seu alcance.”

Como já foi dito anteriormente, o livro e a leitura estão intimamente ligados à formação de uma memória, mas o que é realmente memória, existe mais de uma, como elas se constituem? Essas são algumas perguntas essenciais que serão abordadas abaixo, a partir do texto “Memória”, em *Memória e História*, de Jacques Le Goff.

O conceito de memória é abordado por diversas áreas do conhecimento, como a história, a antropologia, a literatura, dentre outras. A memória, como propriedade de conservar certas informações, leva-nos, inicialmente, a um conjunto de funções psíquicas – abrangendo várias ciências desta mesma área – que podem evocar a memória histórica e a memória social, além de aspectos coletivos e individuais.

O comportamento narrativo – tanto falado quanto escrito – é uma das formas de armazenar e compartilhar a memória. Tal prática está presente em todas as sociedades, uma vez que seus indivíduos possuem uma grande quantidade de informações em seu patrimônio genético e cultural.

Deve-se atentar para o fato de que há uma memória individual – abarca manifestações conscientes e inconscientes, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura – e uma memória coletiva – ligada às lutas das forças sociais pelo poder. Todos os elementos ligados aos dois tipos de memória relacionam-se diretamente com a recordação e o esquecimento. Segundo Le Goff (1994, p.426):

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Para compreender melhor estes aspectos far-se-á necessária uma sucinta abordagem de alguns tipos de memórias, a memória étnica; o desenvolvimento da memória da oralidade à escrita, da Pré-História à Antiguidade; a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias e os desenvolvimentos atuais da memória.

No que tange à memória étnica observa-se que Le Goff, contrariando Leroi-Gourhan – que aplica o termo a todas as sociedades humanas – preferirá ver a memória coletiva em todos os povos sem escrita, não deixando de ressaltar que esta atividade é constante em todas as sociedades.

Observa-se na memória étnica um tempo mítico, o tempo do eterno retorno, uma vez que cada relato é uma volta aos mitos de origem. Tal característica ocorre porque nestas

sociedades há especialistas de memória, os chamados “homens-memória”, cujo papel é manter a coesão deste grupo.

Tem-se o fato de que o relato dos “homens-memória” não são feitos palavra por palavra, mas sim produtos de uma rememoração, e a cada uma desta há uma diferenciação ao retornar ao mito/memória original. Ou seja, estes homens atribuem mais liberdade e mais possibilidades criativas, algo que não é permitido nas reproduções de memória palavra por palavra, que está ligada à escrita.

Com a passagem da oralidade à escrita, observa-se que a memória étnica ou coletiva será profundamente transformada, uma vez que permitirá àquela um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável, o qual a pedra e o mármore serviam, por exemplo no mundo greco-romano, de suporte de perpetuação da lembrança.

Outra forma de memória é o surgimento do documento escrito, cuja escrita possui duas funções, armazenar informações, algo que possibilita comunicar através do tempo e do espaço, e reexaminar, reordenar, retificar frases e palavras isoladas.

A partir desta sucinta abordagem da passagem da memória oral (pré-histórica), para a escrita (Antiguidade), observa-se que a memória coletiva sofre na Idade Média grandes transformações, uma vez que a memória será guiada por elementos religiosos cristãos, em decorrência da difusão do cristianismo como religião e ideologia dominante e do poderio da Igreja diante dos meios intelectuais.

Um importante instrumento de estudo da memória na Idade Média são as *Confissões* de Santo Agostinho que fazem importantes considerações, partindo de uma concepção antiga dos *lugares* e das *imagens* de memória, dando a esses elementos uma certa profundidade. Com Santo Agostinho a memória buscará penetrar na essência do homem.

Já na Renascença observa-se que o grande avanço da memória está ligado à imprensa que faz com que o leitor seja colocado em contato com uma memória coletiva enorme, sempre na exploração de textos novos, que não podem ser fixados integralmente.

O termo memória passará, desde a Idade Média ao século XX, por diversas variações. Surge na Idade Média como *mémoire*; em 1726, *mémorialiste*; no século XIX, *mémorisation*, dentre várias outras denominações. Pode-se considerar a Revolução Francesa como um elemento considerável no processo de valorização da memória, uma vez que a comemoração e a recordação se apropriam de novos instrumentos de suporte, como moedas, meda-lhas, selos de correio etc, além de ter ocorrido nesta época a criação dos Arquivos Nacionais.

No contexto da Revolução Francesa se encontra o Romantismo, considerado um movimento literário seduzido pela memória, há uma ligação entre memória e imaginação, memória e poesia.

Dentre as manifestações importantes da memória coletiva, há no século XIX e início do século XX, dois fenômenos significativos. O primeiro é a construção de monumentos aos mortos, logo após a primeira guerra mundial; o segundo é a fotografia, que dá à memória uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.

Após a segunda metade do século XX tem-se um grande desenvolvimento da memória, com o surgimento da memória eletrônica, inicialmente com as máquinas de calcular – após 1950 – posteriormente com o surgimento da informática que possibilita, em um computador, e hoje em outros meios, o armazenamento de grande quantidade de informação em um pequeno espaço.

Salienta-se então a diferença entre a memória humana e a memória eletrônica. Esta é marcada pela estabilidade; enquanto que aquela é instável e maleável.

Além destas duas memórias anteriormente citadas, observa-se, ainda no século XX, o grande avanço na investigação da memória biológica. As pesquisas na área da genética revelaram que toda a memória hereditária de um indivíduo se encerra no interior de uma célula.

A memória coletiva, além de sofrer grandes transformações com a constituição das ciências sociais, desempenha um importante papel na interdisciplinaridade que se instala sobre elas. Um exemplo dessa ligação ocorre entre a literatura e memória.

Algumas considerações sobre memória são feitas por Marina Maluf em seu livro *Ruídos da memória*. Nesta pesquisa aborda-se o papel da mulher da elite rural nas zonas de expansão cafeeira em São Paulo, em fins do século XIX e início do século XX. Para tanto, foram utilizados livros de memórias de duas mulheres: Floriza Barbosa Ferraz, que deixou um único livro de memórias; e Brázilia Oliveira de Lacerda, que deixou um grande número de informações contidas em três cadernos de lembranças e cerca de setenta diários, um livro de receitas e dois livros de poesia.

Floriza e Brázilia passaram pela mesma experiência, a primeira deixou a cidade de Piracicaba em 1896 para acompanhar o marido e os filhos em fazendas do oeste paulista; a segunda, recém-casada em 1906, troca a estabilidade da fazenda da família na região de São Carlos pelas margens do rio Tietê na região de Jaú.

O livro de Maluf não pretende restaurar o passado, mas sim construir sentidos e significados novos diante dos livros de memórias, no intuito de demonstrar a potência

existente na mesma. Lembra-se que “aquele que rememora aproxima as lembranças por afinidades que não respondem a uma relação causal, uma vez que há uma produtiva desordem dos acontecimentos” (MALUF, 1995, p.19).

Ao observar esses livros de memória observa-se que o sujeito do passado não é o mesmo que se apresenta no momento da escrita, uma vez que ao relembrar o passado, há uma abordagem de um outro ponto de vista, pois a observação é feita em um outro momento que não aquele vivido, mas um momento lembrado no presente. Logo, o sujeito que se mostra é um sujeito do presente.

Já foi dito que a memória individual está ligada à memória coletiva, e que esta dá unidade ao grupo. Tal unidade depende do sentimento de um tempo contínuo, de um tempo fluido que opera apenas limites incertos entre o vivido outrora e o tempo presente. É na corrente temporal contínua que reside a existência do grupo que retém do passado aquilo que está vivo, ou mesmo aquilo que é capaz de viver na consciência do grupo, como afirma Malard (1995: p.43).

Retoma-se, então, o caráter mítico da memória, vista como um fenômeno sempre atual, uma ligação vivida no presente eterno, o que leva à visão da memória como um elemento cíclico, de eterno retorno, e que ao ser retomada assume uma outra perspectiva, um outro ponto de vista, como por exemplo, os livros memória de Brasília e Florida.

A questão da memória não passa também pelo campo de estudo da psicologia e da psiquiatria, como aponta os textos de *A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória*, de Aleksandr Luria e *O homem que confundiu sua mulher com o chapéu*, de Oliver Sacks?

O primeiro tornou-se um clássico da literatura clínica sobre as patologias da memória e a importância dessas patologias para a compreensão da memória em geral. A personagem principal é o S. que possui uma rica rede sinestésica de imagens. Tudo em sua mente é formado por imagens que o impedem de fundir o planejamento simultâneo com o contextualizado pelo tempo. Sua memória se faz através da preexistência de objetos. Ele é perturbado pelas imagens e impressões a ponto de tais imagens influenciarem sua existência.

Já no texto de Sacks observa-se um outro distúrbio, o de um homem, o Dr. P., músico. Este homem, por um problema neurológico, foi perdendo a capacidade de reconhecer os objetos, passou a confundi-los. Não via mais os objetos em si, mas outras coisas lhe aparecia no lugar deles. O Dr. P. vivia em um mundo que era reflexo no espelho de um outro. O que pode se observar é que sua memória dos objetos fora transfigurada.

No que tange ao processo de criação literária, observa-se, também, a presença da memória, como algo constituinte da obra de diversos autores, como Marcel Proust e Jorge

Luis Borges. Cada um abordando, de diferentes maneiras, mesmo porque o tempo e o espaço são diferenciados, a questão da memória.

Com base no estudo feito por Georges Poulet intitulado *O espaço proustiano*, pode-se observar algumas noções de memória relacionadas ao espaço na obra de Marcel Proust.

Para Poulet, a memória, em Proust, está associada à lembrança, uma vez que estas são ativadas por meio de ícones pertencentes a um espaço. Este é visto, pela filosofia, como um ser contínuo, mas que é revestido de descontinuidade na obra proustiana, uma vez que obriga seus seres a viverem distantes uns dos outros.

É pensando nisso que se tem o conceito de distância como algo fundamental para entender o espaço proustiano, uma vez que a distância é a representação do próprio vazio, marcando a impossibilidade da presença, de retornar a fatos e coisas como elas realmente foram ou são. Logo, a distância é um afastamento entre o sujeito e o objeto.

O resultado da distância, da presença e da ausência – onde estou e onde o objeto está – é a angústia. Em vários episódios se observa a acusação do afastamento, o que torna a ausência visível. Um dos objetos utilizados para criar a ilusão da presença e que demarca o afastamento é o telefone, pois marca a presença da ausência pela impossibilidade de estar no mesmo espaço.

A memória está diretamente ligada ao espaço – tempo e espaço em Proust estão associados – lembranças e imaginação ligam o sujeito a certos locais: lugares oriundos da imagem real; lugares criados, constituídos e sonhados por outros; lugares que só possuem realidade no espírito humano. Cada ser possui um sistema de lugares reais e imaginários que pode se alterar ou acrescentar.

As pessoas sobressaem ao espaço, pois estão sempre associadas a uma ambiência. Lugares representam mais que um espaço, são pessoas e, tanto estas dão acesso ao lugar como o lugar dá acesso às pessoas, na memória.

A separação espacial – tanto real quanto na memória – provoca lacunas, o que torna o ser fragmentário, por isso o espaço é visto como descontínuo e heterogêneo – a partir do momento em que uma coisa se manifesta em sua qualidade própria, em sua essência, revela-se diferente de todas as outras (e de suas essências). Cada ser percebe o ambiente de uma forma e cada ambiente tem um formato e importância diferente para cada ser.

Em Proust a viagem retoma e liga os espaços, caracterizando-se como deslocamentos que são vistos como forma de acabar com a ausência. A viagem ideal é a que elimina as distâncias de uma só vez, colocando lado a lado, como se fossem interligados, dois desses lugares cuja originalidade parecia lhes impor, para sempre, uma existência à parte, sem possibilidade de comunicação.

Tem-se, então, que a movimentação de lugares na memória permite que se vá de um a outro instantaneamente. Em decorrência dessa movênciã,, um mesmo ser pode ser associado a muitos lugares e um lugar pode ser associado a mais de uma pessoa.

Por fim, a memória na obra de Proust se apresenta como memória total, desvinculada do tempo, sem a ameaça do esquecimento. O tempo é espacializado, justaposto. É através das lembranças que se constitui a identidade, já que a memória é uma forma de recuperar o passado, ou seja, a lembrança é a marca do romance proustiano.

Já a memória em Jorge Luis Borges será abordada a partir do livro *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*, de Júlio Pimentel Pinto. Neste estudo pensa-se as relações entre o fazer literário e o historiográfico, como convivem memória e história na obra de Borges, a partir da associação de Borges à figura do memorioso.

Observa-se que a história se aproxima de Borges. Fato que se realiza através da imaginação, que é o eixo articulador entre história e literatura, entre o historiador e o poeta. Borges, utilizando da história, executaria o fazer da memória, revelando a literatura como lugar de memória.

Neste trabalho de Pimentel tem-se a abordagem dos temas do nacional e da cidade – local onde o particular e o universal se encontram e os temas da identidade e da memória se cruzam – ; do nacionalismo e do cosmopolitismo. O espaço urbano é o lugar da produção de tradições, de constituição de memória tramada na confluência do indivíduo e do coletivo.

Segundo Júlio Pimentel Pinto (1998, p. 22, 23 e 24):

Para Borges, o memorioso – não apenas por ser cego e poeta -, a memória é o recurso máximo de conformação da escritura, é o princípio mobilizador do ofício da representação. [...] Borges autor é – como, de resto, muitas vezes o próprio Borges se disse – basicamente um leitor, mais envolvido no trabalho de leitura – acompanhado, evidentemente, de um contínuo fazer crítico – do que no de escritura. [...] Borges, assim, portador de uma poética da leitura que é, por sua vez, uma poética da memória.

Há dois Borges, um dos anos 20, vanguardista, nacionalista, voltado para questões político-sociais e outro dos anos 30, cosmopolita, apolítico, crítico do primeiro Borges, que vê o nacionalismo como um dos grandes problemas de sua época, que não se conforma com o território, pois existe o mundo.

A cidade é um local de referência constante para que se pense a questão do nacional e do moderno. O tema central do Borges dos anos 20 é Buenos Aires, marcada pelo

passado, reativado a partir da memória. A capital argentina é concebida como um paradigma da cidade moderna, é percebida como cidade-origem – cidade natal, onde estão as raízes familiares, um lugar de produção de memória, um lugar de referência para situar o argentino – e cidade-síntese – local desejado, produzido pela memória –, transformando-se em espaço pleno de significados.

No dizer de Pimentel (1998, p. 146):

É sempre em Buenos Aires que ressoam os ecos de cidades distantes, ecos belos ou terríveis, que podem ser situados num conjunto de referências reconhecíveis pela memória borgeana. A memória tem, então, um duplo papel: ao mesmo tempo em que constrói uma Buenos Aires imaginária, essencialmente distinta da cidade moderna, permite a compreensão, factível através de suas lentes, de outros contextos e realidades urbanas, é origem e fim. Ao reaproximar-se de sua cidade-origem, Borges acentua menos a cidade verdadeira, por onde passeia, e mais a cidade-síntese, cidade dos seus sonhos, cidade produzida pela memória de outros tempos.

O princípio de toda a obra borgeana é a idéia de narrativa que se constitui a partir de outros relatos, outras narrativas, desprovidos de qualquer pretensão de universalidade. Borges nega a originalidade no fazer literário, focalizando o passado como a fonte privilegiada das incursões da memória fundadora da escrita.

Outro elemento importante para Borges é o tempo, que pode significar o enigma da memória e do duvidoso futuro, sendo, também, o tempo existencial e o tempo da memória.

Já abordado em Proust, o esquecimento é também fator importante na obra de Borges, uma vez que é através dele que se tem um possível resgate do que foi perdido na construção de uma memória.

Por fim, em Borges a memória é um resgate seletivo do passado, que ressurgue guiado pela experiência, nunca original, do presente, uma vez que cada resgate se insere num tempo e espaço diferenciados e que dão novos significados ao vivido originalmente.

Após as explanações abordadas neste tópico, pode-se constatar como a memória é fator predominante nos estudos de diversas áreas do conhecimento, passando pelas Ciências Sociais, Literatura, História, dentre outros. E esta memória que está presente desde a história da leitura até obras literárias de escritores consagrados como Marcel Proust e Jorge Luiz Borges.

É a partir dos diversos conceitos de memória que se chega a um estudo sobre a

construção da identidade, lembrando que é impossível dissociar tais conceitos, uma vez que é na formação da memória que se forma a identidade, conceito tratado no próximo tópico.

Sabe-se que um dos elementos constituintes da identidade é a memória e, após as explanações sobre esta, far-se-ão algumas considerações acerca da identidade. Como ela é constituída, como vem modificando no decorrer dos séculos até assumir as características que possui hoje.

Para tanto, serão abordados alguns textos pertinentes ao estudo da identidade. Inicialmente se farão observações sobre uma parte de *Da Diáspora*, de Stuart Hall; após este texto abordar-se-á o livro/entrevista *Identidade*, de Zygmunt Bauman; passando para *Os tempos Hypermodernos*, de Gilles Lipovetsky e concluindo com *Hibridismo cultural*, de Peter Burke.

Para se falar em identidade é necessário lembrar que só se assume uma identidade ao escolher um lugar do qual se fala. É o que acontece com Stuart Hall, que assume o lugar para o qual o discurso eurocêntrico o destina, o lugar de negro. Hall levantará a questão da identidade cultural, da questão racial e do racismo, dialogando com correntes contemporâneas de pensamento sobre cultura.

Em “Controvérsias” – primeira parte de *Da Diáspora* – Hall iniciará suas explanações sobre identidade a partir da noção de nação, dizendo que as nações não são entidades políticas soberanas, mas sim comunidades imaginadas. Passa, então, a falar sobre as imigrações de caribenhos – como ele – para a Grã-Bretanha e das relações que os mesmos mantêm com a terra natal. Eles veem o Caribe como a terra de origem, local de identidade cultural, onde se mantém um elo umbilical, de volta.

É com o tema da diáspora que Hall apontará as identidades como múltiplas, a partir das origens e das relações estabelecidas com o outro. É a partir do outro que o sujeito constitui sua identidade, é com a diferença, com a negação do que não se é que se observa a identidade.

A disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor, que gira em torno da restauração do momento originário, acabando com toda a ruptura, reparando cada ferida através desse retorno, que é tido pelo povo caribenho como um mito fundador.

6 Segundo Hall (2003: p. 29):

Os mitos fundadores são, por definição, transistóricos: não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente aistóricos. São anacrônicos e têm a estrutura de uma dupla inscrição. Seu poder redentor encontra-se

no futuro, que ainda está por vir. Mas funcionam atribuindo o que pertencem à sua descrição do que já aconteceu, do que era no princípio.

Passa-se então a apontar que o conceito de diáspora se apóia na diferença, “Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p.32-33). Há, também, a concepção de *différence* de Derridá, uma diferença que não são fronteiras veladas que não separam finalmente, mas significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença é essencial ao significado e este crucial à cultura.

Com isso não é mais tão fácil dizer de onde as culturas se originam, apesar de terem o seu lugar. A cultura passa a ser, então, uma viagem de retorno, não só de descoberta. Sendo uma produção, tem sua matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo.

Há dois processos opostos em funcionamento nas formas contemporâneas de globalização, duas forças dominantes de homogeneização cultural. A cultura americana que pretende subjugar todas as outras e os processos que sutilmente estão descentrando os modelos ocidentais, levando a uma disseminação da diferença cultural em todo o globo. Com isso, a cultura não é mais uma questão de ser, mas de se tornar, está em constante *movência*.

Surge, a partir desse processo contemporâneo de globalização, a questão multicultural, que é um termo qualificativo que descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo que retém algo de sua identidade “original”.

Observa-se uma distinção entre este multicultural e o multiculturalismo. Este, por sua vez, refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais.

Vários são os fatores históricos relacionados ao multicultural. O primeiro ocorre já no século XV com a expansão européia. No século XX, o fim da Guerra Fria e, por fim, a globalização, cuja tendência cultural dominante é a homogeneização.

Em decorrência dessas características modernas há uma proliferação da diferença, como já foi citado anteriormente. Essa diferença impede que qualquer sistema se estabeleça em uma totalidade. Por isso, pode-se dizer que o pós-colonial é o tempo da diferença e o início do binarismo, particularismo *versus* universalismo, tradição *versus* modernidade, que produz uma forma específica de compreensão da cultura. Trata-se das culturas distintas,

homogêneas, auto-suficientes, fortemente aglutinadas das chamadas sociedades tradicionais.

Mas como observar esta sociedade contemporânea, como denominá-la, como entender a formação de identidades no mundo, chamado por muitos estudiosos, de pós-moderno – termo também contestado por muitos? Zygmunt Bauman, em uma entrevista concedida, por e-mail, a Benedetto Vecchi, trará algumas noções do que seja esta identidade nesta modernidade líquida – termo utilizado por Bauman.

Bauman é um sociólogo que busca a verdade de todo o sentimento, estilo de vida e comportamento coletivo, para isso analisa o contexto social, cultural e político em que um fenômeno particular existe. O teórico procura estabelecer conexões com outras áreas, não ficando apenas no campo das ciências sociais, o que torna difícil enquadrá-lo numa escola de pensamento.

Assim como Stuart Hall, um dos temas aos quais Bauman se dedicou foi o da Globalização, vista como uma forma de mudança radical e irreversível, como uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro.

A questão da identidade se insere nesse processo de Globalização em razão do colapso das instituições que por muitos anos constituíram as premissas sobre as quais se construiu a sociedade moderna. A política da identidade fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização, e impõe dois pólos à existência social: a opressão e a libertação. A identidade será abordada nesta entrevista como algo inatingível e ambivalente.

No início da entrevista observa-se Bauman descrevendo como foi escolher o Hino que tocaria no momento em que ele receberia o título de doutor *honoris causa*, se seria o hino da Polônia – país de origem – ou o da Grã-Bretanha – país que o acolheu. Ele opta pelo hino da Europa, tal atitude demonstrou uma postura que abarcava os dois pólos da identidade do sociólogo, tal episódio faz da identidade um tema de graves preocupações e agitações controversas.

O que se percebe no início da entrevista é a posição de desterritorializado assumida, por Bauman, assim como Hall. Fala-se, então, da noção de pertencimento que possui as características instáveis da identidade, mas o pertencimento é uma condição sem alternativa.

A ideia de identidade é mutável, depende das decisões tomadas pelos próprios indivíduos, dos caminhos que estes percorrem, da maneira como agem. Observa-se o mundo fragmentado e a existência individual fatiada por uma sucessão de episódios fragilmente conectados e que podem se romper a qualquer momento. Tem-se um indivíduo

deslocado, pois suas identidades flutuam no ar, algumas escolhidas pelo sujeito, outras à mercê do mesmo. O indivíduo deve estar sempre alerta para defender as primeiras.

A identidade só é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como algo que ainda se precisa construir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. A constituição da identidade se relaciona à diferença.

Após tais considerações, Bauman explora a idéia de identidade nacional como algo que não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um fato da vida autoevidente, que chegou como uma ficção.

Há algumas considerações sobre o fato de que a identidade, na sociedade moderna, é uma representação de instituições como a Família, o Estado, a Igreja; e que o elemento da identidade está quase desintegrado pela moderna sociedade de massa. A identidade é um elemento secundário na análise da realidade.

Sobre isso, Bauman diz que não se deve buscar respostas aos problemas de identidade no trabalho dos fundadores, pois estes podem vislumbrar o tipo de condição existencial que só muito mais tarde se tornaria o destino de todos.

Bauman cita a questão das comunidades virtuais, que criam apenas uma ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade. Tais comunidades não podem dar sustentação à identidade pessoal, elas tornam mais difíceis para a pessoa chegar a um acordo com o próprio eu.

O sociólogo faz algumas observações de como o sonho de uma república que valorize e reconheça todos os seus membros foi nutrido por cada uma das gerações modernas, mas questiona-se: como alcançar a unidade na (apesar da?) diferença e como preservar a diferença na (apesar da?) unidade. Pois a capacidade do Estado social de fazer a maioria sentir-se confiante e satisfeita acabou minando as suas premissas e ambições em vez de fortalecê-las. O significado de cidadania tem sido esvaziado de grande parte de seus antigos conteúdos, o que faz com que os homens na contemporaneidade sejam assombrados pela sombra da exclusão.

Observa-se uma erosão da soberania nacional e a crise causada pela perda dos meios convencionais de proteção coletiva eficaz tem sido vivenciada por todo o planeta em rápido processo de globalização. O Estado não pode afirmar mais que tem poder suficiente para proteger o seu território e os seus habitantes.

Bauman toca no cerne das relações amorosas que, assim como a identidade, se tornaram líquidas. Tais relações são simultaneamente objetos de atração e apreensão, desejo e medo; locais de ambigüidade, hesitação, inquietação, ansiedade. O indivíduo está sempre

inseguro quanto a como construir seus relacionamentos, não se sente seguro nem mesmo ao tipo de relacionamento que deseja.

A relação com o sagrado também modifica profundamente na modernidade líquida. A mente moderna tornou Deus irrelevante para os assuntos humanos na Terra. A estratégia moderna consiste em fatiar os grandes temas que transcendem o poder do homem em tarefas menores que os seres humanos podem manejar. A preocupação com o agora não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre.

Após tais explicações, Bauman considera alguns pontos de que há uma constante mudança nas identidades modernas. Há uma incerteza sobre qual das identidades alternativas escolher e, tendo escolhido uma, por quanto tempo se fixar a ela. A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável.

Uma das formas de experimentação e de jogar com a identidade é a Internet, uma vez que se pode comunicar usando de diversas identidades. Bauman aponta para o fato de que, em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida é um negócio arriscado, uma vez que as identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter.

Por fim, o que se pode dizer é que a identidade é um conceito em construção, estudo e movência. Algo que debruça sobre si e que busca resposta em um mundo extremamente conturbado e desestabilizado, tanto por relações em grupo, quanto interpessoais.

Passa-se, então, a alguns questionamentos apontados por Gilles Lipovetsky em *Os tempos hipermodernos*. Livro no qual o autor aponta dois momentos da modernidade; o primeiro, o pós-modernismo e o segundo, o hipermodernismo. Estas são ideias que complementam os dizeres de Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

A primeira modernidade é chamada por Lipovetsky de pós-modernismo. Esta modernidade é baseada no presente, buscando construir um futuro melhor, indicando um abalo dos fundamentos absolutos da racionalidade e a falência das grandes ideologias da história.

Nesta primeira modernidade, a tradição ainda é valorizada, por isso há a divisão desigual de papéis sexuais. A igreja ainda exerce forte influência na consciência do sujeito. É um momento em que se salienta uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas.

Observa-se, ainda, que o ideal de nação justifica e legitima o sacrifício individual, uma vez que vários aspectos ideológicos e políticos influenciam o indivíduo. Passa-se a valorizar a vida privada em relação à profissional.

É o momento em que se observa o surgimento do quarto poder, a mídia, que cada vez mais insere o indivíduo na sociedade de consumo, na temporalidade da moda. Na valorização do tempo presente, o aqui e agora.

A segunda modernidade ou hipermodernismo “ao exacerbar o individualismo e dar cada vez menos importância aos discursos tradicionais, caracteriza-se pela indiferença para com o bem público; pela prioridade frequentemente conferida ao presente e não ao futuro; pela escalada dos particularismos e dos interesses corporativistas; pela desagregação do sentido de dever ou de dívida para com a coletividade.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 43).

O hipermodernismo instalou-se nas sociedades reestruturadas pela lógica e pela própria temporalidade da moda; é um presente que substitui a ação coletiva pela felicidade privada, a tradição pelo movimento, as esperanças do futuro pelo êxtase do presente sempre novo.

Observa-se a produção não só da ordem, mas da desordem; não só da independência, mas da dependência; da moderação e da imoderação. Não se busca a destruição do passado, mas a sua reformulação nos moldes do mercado, do consumo e da individualidade. O presente integra o amanhã e o indivíduo precisa ser autocrítico para se inserir neste contexto.

Não é fácil ser autocrítico nesse contexto em que no dizer de Peter Burke ocorre a discussão do híbrido, pois não existe uma fronteira cultural nítida, firme entre grupos, mas sim um *continuum* cultural. Tal fato ocorre uma vez que nosso período é marcado por encontros culturais cada vez mais frequentes e intensos.

Os encontros culturais encorajam a criatividade, já que essas trocas culturais não são simples enriquecimento, apesar da hibridização incluir a perda de tradições regionais e de raízes locais. Logo, a atual era da globalização cultural é também a era das reações nacionalistas ou étnicas.

Encontram-se exemplos de hibridismo cultural em toda parte, na arquitetura, na mobília, no texto, dentre outras. Suas práticas podem ser observadas na religião, na música, no esporte, etc. Observa-se, então, que as formas híbridas são resultado de encontros múltiplos e não de um único encontro, o que leva a pensar que são os elementos culturais, de memória, ideológicos, dentre outros que formam a identidade de um sujeito que se projeta múltiplo e fragmentado em um contexto cada vez mais inconstante, o pós-modernismo.

Após tais apontamentos, o que se pretende aqui é fazer uma aplicação das teorias abordadas anteriormente – memória, identidade e pós-modernidade – no objeto de pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Literatura. Para tanto, abordar-se-á o conto “O buraco”, em *Tremor de terra*, de Luiz Vilela. Lembrando que estes aspectos serão

aprofundados no desenvolvimento da pesquisa.

No que tange à memória observa-se que o protagonista tem uma lembrança de sua infância – momento em que se via, ainda como humano, cavando um buraco no quintal de casa – contrastando com seu momento presente – quando já está “virado” num tatu. São essas memórias do passado que preenchem a maioria da narrativa, estas lembranças, assim como em Proust, deixam a distância ainda mais nítida, demonstrando uma impossibilidade de revivê-la, uma vez que José se nega a isso, porque sabe que isso não acontecerá.

Com base na construção da identidade, observa-se um ciclo de (des)construção, aliando-se esse aspecto ao indivíduo fragmentado e angustiado da pós-modernidade. As relações que se estabelecem, quando se estabelecem, vão se desconstruindo gradativamente neste conto. A convivência com o outro, inclusive com a mãe e a namorada, se torna tão insustentável a ponto de o protagonista se refugiar de vez neste buraco que foi sendo aberto desde sua infância, o que o faz, segundo seu relato, ir se transformando gradativamente em um tatu.

Transfigurar em um animal é negar sua própria identidade, é assimilar e assumir o discurso que a vizinhança começou a proferir, chamando José de tatu. Ao buscar constituir esta nova identidade, observa-se justamente a condição fragmentária do homem na contemporaneidade, um indivíduo que se constrói através da diferença, negando ser aquilo que é, no caso de José, um ser humano, e adquirindo uma nova identidade, a de tatu.

Outro elemento que demonstra o descentramento e a desconstrução da identidade do indivíduo pós-moderno é que algum tempo depois que José passou a viver no buraco, longe de qualquer contato com outros indivíduos, e as pessoas deixaram de procurá-lo à borda do buraco, ele passou a sentir falta do convívio com o outro. E, com essa falta, o protagonista passa, no fim da narrativa, a desejar, novamente, o convívio em sociedade.

Por fim, este artigo buscou abarcar alguns aspectos discutidos por estudiosos dessas áreas, como Le Goff – teórico da história e memória – ; Poulet e Pimentel Pinto – estudiosos da memória na literatura de Proust e Borges – , Stuart Hall e Bauman – estudiosos de aspectos culturais e de identidade –; dentre outros. Assim sendo, teve como objetivo abordar tópicos relevantes como os apontados sobre identidade e pós-modernidade, não deixando de lado a teoria sobre memória, pois é esta que leva ao entendimento e, também, a construção da identidade, aplicada de forma, ainda introdutória, no conto “O buraco”, de Luiz Vilela.

Referências bibliográficas

- BAEZ, Fernando. Introdução. In: **História Universal da Destruição dos Livros**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p.17-28.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo – RS: Editora Unisinos, 2006.
- HALL, Stuart. Controvérsias. In: **Da Diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: neliHumanitas/Ed. UFMG, 2003. p. 51-100.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 423-484.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos Hipermodernos**. São Paulo: Bacarolla, 2004.
- LURIA, Aleksandr Ramanovich. **A mente e a memória – um pequeno livro sobre uma vasta memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Maluf, Marina. A reconstrução do passado. In: **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, p. 27-89.
- MANGUEL, Alberto. Leituras proibidas. In: **Uma História da Leitura**. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p. 311-323.
- PINTO, Júlio Pimentel. **Umamemória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges**. São Paulo: Estação Liberdade/Fapesp, 1998.
- POULET, Georges. **O espaço proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SACKS, Oliver. O homem que confundiu sua mulher com o chapéu. In: **O homem que confundiu sua mulher com o chapéu**. São Paulo: cia das Letras, 1997. p. 22-37.
- SANTO AGOSTINHO. O palácio da memória, A memória intelectual, ... In: **Confissões**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa. s/d, p. 247-260.
- VILELA, Luiz. **Tremor de terra**. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2003
- * Prof. Ms. Yvonélio Nery Ferreira
Currículo - <http://lattes.cnpq.br/22037586884173334>
Endereço eletrônico: yvonelio@uol.br

Abstract: This paper tried do understand some aspects observed by several studiers in Memory and Identity area, as Le Goff —history and memory searcher; Poulet and Pimentel Pinto — Proust and Borges literature memory researchers; Stuart and Bauman — critical on cultural and identity studies and others. For that, the approaches of these searchers were very important for ideas mature process and for questioning these themes in Luiz Vilela’s work, specifically in the tale named “The Hole”, in Land Shaking book. The most relevant topics were those on identity and post-modernity, as well memory, for this one leads to comprehension and also to identity building.

Key-words: memory, identity, post-modernity .
